

O DEMOCRATA

SEMÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSIGNATURAS (pagamento adiantado)

Anno (Portugal e colonias) 1\$200 réis
 Semestre 600 réis
 Brazil e estrangeiro (anno) moeda forte 2\$500 réis
 Avulso 20 réis
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 108

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Empreza do DEMOCRATA

Officina de composição, Rua Direita—Impresso na typographia de José da Silva, Praça Luiz de Camões

ANNUNCIOS

Por linha 40 réis
 Comunicados 20 réis
 Anuncios permanentes, contracto especial.
 Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

A amnistia

Ha muito que certa imprensa com palavras sonoras e campanudas, fazendo tilintar um patriotismo de pechisbeque, clama e aconselha uma ampla e generosa amnistia, pedra basilar, afirmam, para uma politica de pacificação. E assim dizendo, proclamam-se echo do grito de muitas consciencias que, n'um aneio de paz, buscam o apoio da sua penna, a suggestão da sua palavra communicativa e quente,—para persuadir, para mover, no sentido d'essa cruzada, o governo da Republica.

Na vanguarda d'esses pregoeiros, d'esses defensores da amnistia, obtero e rotundo, va o sr. José de Alpoim.

Pede-se á joven e ingenua Republica Portuguesa que, n'um gesto olympico, sobre humano, esqueça e perdoe; que dê uma amplissima amnistia—facto que os amnistiados já mais esquecerão e cuja gratidão nunca será preciso avivar.

Mas para quem se pede o perdão? Quem lêr as homilias d'essa gente, hade julgar que a Republica retem, amontoados nos carcereis, arbitrariamente, sem culpa formada, milhares e milhares de cidadãos que o simples arbitrio d'um voluntarioso querer para ali arremessou. Quem ouvir os clamores supplicantes d'essa gente, hade suppôr que a Republica,—que appareceu como um protesto á desenfreada corrupção da monarchia e seus adeptos que para ahi se estadeava vergonhosamente; como um correctivo da parte honesta da nação que impavidamente se impoz o dever imperioso de pôr de vez um dique no resvalar aniquilador da sua patria—conserva sob ferros os grandes delapidadores da fazenda publica; os devoradores-collossos que usufruam este paiz, durante largos annos, como se isto fosse uma herança de escravos, em seu beneficio trabalhando.

Quem attentar n'essas palavras, pode julgar que nos presídios do Estado apodrecem milhares de creaturas que só tem por crime, não concordarem com o novo estado de coisas.

Pois quem, em virtude de essas leituras, assim pensar, enganase redondamente.

Quando a Republica, em 5 de outubro encetou a reforma saneadora da nacionalidade portugueza, encontrou por o paiz fóra, nas syndicações feitas, centos e centos de prevariadores; encontrou authenticos ladrões. Pois toda essa gente anda em plena liberdade, passeia, gosa, disfructa a mesma vida de commodidades, refestelada nas suas antigas e chorudas situações. Apenas meia duzia, que a moralidade da causa imperiosamente impunha, foram demittidos; apenas meia duzia foram apartados dos seus logares e aposentados com o ordenado por inteiro.

Generosa, altivamente generosa, fez apenas cumprir, ao dar os primeiros passos, os decretos de Aguiar expulsando os jesuitas, quando podia encerral-os em calabouços para expiarem os seus crimes inexoravelmente.

Generosa, ingenuamente generosa, coberta dos louros vividentes da victoria, limitou-se a olhar compungidamente o campo dos vencidos,—filhos seus, que a casta maldita e para sempre expulsa dos Braganças, deformára em canalhas sem caracter e sem brio, sem lhe brotar na alma, ha muito sedenta de justiça, um sentimento de odio pelos que capitularam, sem um desejo de represalia sobre os que a escarneceram, a en-

xovalharam e apedrejaram na vespéra.

Eram seus filhos, embora de generados.
 Pois desde 5 de outubro que a joven Republica Portuguesa não tem feito senão afagar, acarinhar, esponjar faltas, esquecer agravos, não tendo animo para praticar um acto violento, embora justiceiro.

Do campo dos vencidos, os inimigos da vespéra adheriram aos cardumes, collectivamente, apressados e offegantes, levando recondito, na alma sem correção ainda, o mesmo calculo interesseiro, desejando continuar, no novo regimem, a mesma vida de sordido egoismo que levavam no regimem ladravaz da monarchia.

E como a Republica os mandou apresentar ás respectivas commissões locais, entidades fiscalisadoras, individualmente, para estas lhes passarem os bilhetes de identidade, elles, para não mostrarem os estygmas do vicio que o regimem monarchico lhe abriera,—retrahiram-se e em vez de tentarem um aperfeiçoamento, foram, ás escuras, conspirar contra a integridade da patria, que o mesmo é contra a prosperidade da ingenua e generosa Republica.

Ninguém os hostilizou, ninguém os feriu. Mandou-se apenas passal-os á feira, para no livro de inscripção, no respectivo numero de ordem, lhe ficar appenso o caracter e a malleabilidade moral. . . Não lhes, serviu a devassa; queriam uma inscripção anonyma, em massa, sem identificação nem edoneidade,—turba multa que invade e se apossa do povoado cuja entrada ingenuamente lhe confiam.

Desafivelaram, então, a mascara hypocrita com que adheriram; uns, e fugiram para a fronteira do paiz visinho, abusar d'uma hospitalidade, conspirando; outros, conservando, unida á face, a mesma viseira impudica, sorratamente, nas trevas, conspiravam e traçavam cá dentro, nas sombras, o plano da chacina que haviam de praticar a aquelles que tomavam a peito salvar do abysmo vergonhoso em que ia submergir-se, coberta de ignominia, uma nação que a todos pertence.

Não vieram juntar, como bons patriotas e portuguezes, o concurso do seu esforço ao d'aquelles que, para nobilitar a mãe-patria, arriscaram o seu socego e a sua vida e querem fazer d'esta nação abatida um estado forte e honrado;—mas foram conjugar o seu odio com o da Companhia de Jesus que aneioa reconquistar a preza que a expulsão dos jesuitas e a separação da Egreja do Estado lhes arrebatou das mãos rapaces.

Salteadores, quadrilheiros todos sem patria e sem honra, vadios, deram-se as mãos para um golpe traçoero e sanguinolento n'aquella que nem sequer os magoou ou molestou.

Toda a casta de enxovalhos, de vilipendios, serve. Guerra sem treguas, sem honra e sem brio. Guerra de salteadores, de vendidas a soldo da reacção. Lá fóra, como cá dentro.

E porque, aqui, no meio de nós, se descobriram planos infernaes a executar, com barbaras revelações a pôrem em pratica, e, alguns individuos com responsabilidades se acham detidos, já o sr. Alpoim toca o sino choco da sua logica, a rebate, pedindo amnistia temporã, ampla e generosa. Chovem-lhe nas mãos as cartas de toda a parte com esses pedidos, grita.

Mas, tem razão, o sr. José de Alpoim. E' logico, afinal, na sua declamação. Já que a Republica foi generosa até ao ponto de collocar, em altos cargos de confiança, antigos inimigos que viviam nas graças e favores do Paço, afóra raras intermittenencias de fingido ou simulado amuo ou retrahimento, é

justo que a Republica, sempre ingenua e generosa, á voz potente d'este antigo corypheu, abra os braços a todos os traidores, dê o flanco a todos os inimigos, declarado ou não, e deixe continuar o pagode.

Pois não é—como o proclamam os agentes da pacificação—, a Republica para todos os portuguezes?

Indubitavelmente. Mormente, depois de se saber que os antigos traidores que nas vespéras do 5 d'outubro, forneceram ao ex-Hoche a planta completa e detalhada da Revolução, também tem foros de gente! . . . Equilibristas que, assim, estavam com um pé no Paço e outro na Rotunda. Saltimbancos que velem sempre nas águas em que a victoria canta. Velhacos! Gritam por amnistia, afinal, para quem?

Onde estão os condemnados a amnistiar? Em que prisões, cumprindo penas que o julgamento impoz?

Pois os traidores, os que conspiram contra a integridade da patria, quando manifestamente averiguados, podem já mais na consciencia dos homens rectos encontrar perdão?

Pois não tem a Republica o indicinavel direito e dever de lutar pela sua consolidação e avigoramento?

Se os antigos salteadores voltarem a tentar estorvar-lhe o passo, na sua jornada honesta e fecunda em beneficios para todos nós, não lhe corre o imperioso dever de desembaraçar o seu caminho?

Amnistiar? Quem, se não ha presos cumprindo penas?

O que a Republica tem a fazer, sob pena de trahir o mandato que a Revolução lhe confiou, é depurar, corrigir, castigar violentamente? Sim; para exemplo, quando as circumstancias o reclamarem.

Basta de aguas mornas. Basta de pacificação.

Pois não são elles, que perturbam, que espalham o desasocego, a intranquillidade?

Pois cumpra o governo, rigorosamente, o seu dever com firmeza, com persistencia e sem sobresaltos.

Mão firme, coração ao alto, e para a frente. Rigoroso, mas justo.

Dr. Rodrigo Rodrigues

Deixa amanhã o governo civil d'Aveiro para ir servir igual cargo no Porto, instado pelo ministro do interior, o sr. dr. Rodrigo José Rodrigues que emquanto aqui exerceu as funções de chefe do districto captou as sympathias de todos os republicanos, que sinceramente lamentam agora a sahida de s. ex.ª.

O *Democrata* apresentando ao dr. Rodrigo Rodrigues as suas despedidas, deseja-lhe todas as venturas de que é digno e espera que em breve lhe possa prestar as homenagens a que a sua envergadura moral e intellectual tem incontestavel direito.

O *Diario do Governo*, de hontem traz o decreto que nomeia para a vaga do sr. dr. Rodrigo Rodrigues, o 1.º tenente da armada, servindo de capitão do porto de Aveiro, sr. Julio Cezar Ribeiro d'Almeida e para seu substituto o dr. Joaquim de Mello Freitas, velho democrata, que estamos bem por certos hão-de bem

corresponder á expectativa com que todo o districto acolhe os seus nomes respeitaveis de cidadãos honestos e trabalhadores, que é o que a Republica agora mais necessita. Cumprimentamol-os cor-deal e affectuosamente.

Coisas & tal

Sicarios

Em Vianna do Castello, pelo que vemos nos jornaes, as intenções dos que formavam o *complot* monarchico, agora descoberto, eram muito diferentes d'aquillo que a thalassaria d'Aveiro tinha em vista.

Assim uma das versões que corre com mais insistencia é a de que os *correligionarios* de lá fariam atrahir á rua, onde seriam fuzilados, os officiaes e sargentos republicanos e os republicanos em evidencia que constavam d'uma lista cuidadosamente marcada e annotada servindo-se para isso de varios estratagemas entre os quaes o do grito de—*fogo!*—caso não dessem resultado os outros empregados. E, á traição, seriam assassinados todos, todos os republicanos, sem escapar um só.

A' vista do exposto os *thalassas* de cá são . . . *uns santos* . . .

Importaram armamento, é certo, mas o seu intuito era outro: *era defenderem o seu chefe, o doutorinho da rua do Sol, que andava por nós ameaçado!* . . .

Não acreditam? Pois perguntem-lhe e ás testemunhas que foram indicadas para depôr no processo, e verão . . . Que differença de instinctos! . . .

“O Mundo,”

Acaba de entrar no seu 12.º anno de publicação este nosso intemerato e querido collega de Lisboa que França Borges creou, sustentou e atravez de tudo ainda mantem com o mesmo apurmo e criterio que foram sempre a sua norma e d'ella fizeram o jornal reitivamente republicano de maior tiragem em Portugal.

O *Mundo* commemorou esta data, duplamente festiva, com um almoço realizado no jardim de inverno do Theatro da Republica, almoço a que assistiram muitos dos seus melhores amigos entre os quaes o sr. dr. Rodrigo Rodrigues, governador civil de Aveiro, que no seu discurso-brinde disse ser o “*Mundo,*” a *mais bella pagina da dedicação republicana* o que inteiramente perfilhamos, pois somos tambem dos que a par e passo seguimos todas as phases porque esse jornal passou até á proclamação da Republica, desde a mais odiosa e requintada preseguição movida pelos salteadores dos cofres publicos até ás carinhosas manifestações em que o povo, por vezes o envolvia como que a insuflar-lhe animo, coragem para levar a cabo a espinhosa missão que se impoz. E o certo é que viu coroados os seus trabalhos, a luta constante de todos os dias, com a victoria dos ideaes democraticos de que foi sempre um esforçado paladino. Nós o saudamos, cingindo d'aqui n'um grande e fraternal abraço o seu director, nosso amigo Antonio França Borges.

Para completar

A *Soberania* publicou mais um quartetão de nomes de mulheres que declaram associar-se ao telegramma enviado pela Anna Carriça e Maria Caipira ao conde de Agueda no dia da inauguração do caminho de ferro que liga o antigo paiz com esta cidade e outras terras do districto e que termina-

va assim: *queremos cá nosso amigo, nosso santo protector!*

Fez bem a *Soberania*. Mesmo porque era uma desconsideração que fazia a *essa miudagem da rua*, como chama ás signatarias, se lhes não puzesse a prosa, que alguém da *panellinha* se encarregou de fazer assignar e os nomes, em lettra redonda.

Gloria a todos! . . .

Agueda revela-se

São do nosso presadissimo collega de Oliveira de Azemeis, O *Radical*, os seguintes periodos:

“Na inauguração do traçado do caminho de ferro do Valle do Vouga que liga Albergaria a Aveiro, houve rijas manifestações em Agueda.

Achamos a cousa mais natural festejar um melhoramento; mas o modo como se fazem esses festejos revoltanos algumas vezes pela significação preparada com que querem desvirtuar o seu fim, dando-lhe um colorido politico, enaltecendo caracteres que nunca deviam sair do lamaçal em que jazem.

Foi o que aconteceu em Agueda no dia da inauguração.

Aproveitando o dia em que pela primeira vez n'essas terras silvava a locomotiva, os senhores que ainda ha pouco golpeavam com justiça o procedimento do Conde d'Agueda, não tiveram o bom senso de não lembrar esse homem ao povo que sempre de elle foi um eterno escravo, não tiveram a vergonha de o aclamar.

Os vivos ao Conde d'Agueda acompanhados pelo hymno do mesmo nome atroaram os ares, sob a batuta do administrador do concelho! Como isto é porco e como nos dá vontade de chorar ao ver antigos companheiros de luta festejar um homem que nunca deixou de perseguir os republicanos e que tem feito causa commum com os *paivantes!*

Mas não se contentaram com isso. Encostaram no mesmo enthusiasmo sentimentos que se guerream. Tocaram o hymno nacional com o hymno *Conde d'Agueda*; deram vivas á Patria e á Republica entrecortados de vivas ao senhor feudal d'essas regiões.

Esses homens, que tem o desplante de se dizerem republicanos, tentaram abraçar a honestidade á deshonra, a dignidade á malandrice, a nobreza de sentimentos á devassidão. E' o inicio do assalto ás novas instituições pelos nossos inimigos. Foi a gargalhada de Judas ao receber os trinta dinheiros.

Foi o aviso serranio ao partido republicano.

Appoiado, apoiado, preclarissimo collega. Quem havia de dizer o tal! . . . O conde d'Agueda acclamado por uma autoridade republicana que d'elle havia recebido desconsiderações e até affrontas em tempos não muito distantes ainda, chega a ser phantastico pela falta de coherencia que semilicante caso encerra. Mas que admira isso se os mesmos republicanos collocaram á frente da Commissão Administrativa Municipal um homem que foi um acerrimo defensor do governo franquista e como tal dos melhores admiradores do famigerado *pulha d'Aveiro?*

E' até onde pôde chegar . . .

Um pateta . . . mau

Não contente em transcrever todas as piadinhas com que entendem mimosear a marcha do governo, beliscando-o, alguns jornaes da envergadura da *Educação* e outros, um pateta . . . mau, cá da cidade, rabiscou da sua exclusiva lavra o seguinte:

“Consta que este grande apostolo, Magalhães Lima, a quem tanto deve a Republica, vaé fixar residencia no estrangeiro alheando-se por completo da vida politica, que tantos dissabores lhe deve ter causado nos ultimos tempos.

E' sempre assim: pagou-se-lhe, a elle que mais do que ninguém trabalhou para a sua implantação, com o despreso.”

A'parte a *belleza* da redacção e de grammatica, não sabemos o que mais admirar:—se a inconsciencia do pateta, na fórma como se refere ás cousas intimas do notavel cidadão, se o atrevimento imbecil, tentando lançar sobre os republicanos e sobre os homens do governo a responsabilidade de actos que ninguém praticou.

Dentro do paiz venera-se e considera-se Sebastião de Magalhães Lima com o mesmo furor com que lá fóra o estrangeiro o distingue e consagra.

O pateta bem podia lembrar-se do velho annexim:—*quem te manda sapateiro tocar rabeção* . . .

PELO TRIBUNAL

Acaba de ser exonerado, a seu pedido, de juiz substituto d'esta comarca, o nosso distincto amigo, dr. Amadeu Tavares da Silva.

Registando o facto com intina satisfação, pois elle veiu apenas corroborar o nosso modo de ver exposto no passado numero d'este semanario, a proposito da situação d'aquelle nosso amigo no processo dos conspirantes, só temos a louvar o seu procedimento, que, sem duvida, veiu confirmar a opinião que sempre fizemos do dr. Tavares da Silva: caracter honesto, consciencia escrupulosa.

Não lhe regatearemos os nossos applausos. Muito bem.

Reunião

Realizou-se nas salas do Centro d'esta cidade, na noite de terça-feira ultima, a convite d'um grupo de republicanos, uma reunião afim de se tratarem assumptos do maximo interesse local.

E de facto assim era.

Antes, porém, d'encetar-se os trabalhos, depois de nomeado, por indicação do presidente da assembleia geral, para presidir áquella reunião, o ex.º presidente da camara, secretariado pelos srs. Lino Marque e Elysió Feyo, este pediu a palavra mandando para a mesa a seguinte moção, que foi approvada por unanimidade, entre calorosos applausos:

O partido republicano d'Aveiro, lamenta profundamente a sahida de s. ex.ª o governador civil, dr. Rodrigo Rodrigues e prestando homenagem ás suas brillhantes qualidades de cidadão e verdadeiro republicano, faz inteira justiça ao seu assignalado papel como chefe administrativo d'este districto, e felicita o do Porto pela nomeação de s. ex.ª para governador civil d'essa importante cidade e circumscriptão, desejando-lhe todas as prosperidades de que é digno.

Usa da palavra o sr. dr. Joaquim de Mello Freitas que principia dizendo, visto a ausencia do sr. governador civil, que por certo qualquer caso imprevisto o impedia de alli estar, como promettera, que a elle, orador, competia transmittir á assembleia a razão porque ali se encontravam esforçando-se para não trahir as palavras que sobre o assumpto ouvira a s. ex.ª quando no seu regresso da capital, effectuado ha poucas horas.

Referira-se s. ex.ª á conferencia que realisára com o ministro da guerra sobre a estabilidade aqui do regimento de cavallaria, quando é certo que se sabiam dos esforços feitos para que o regimento voltasse para Castello Branco, onde, á parte influencias de valor que se conjugavam para esse fim, havia ali um magnifico quartel, que embora muito mais pequeno do que o nosso, era internamente melhor adequadado para aquella arma. Que tal noticia sobressaltava toda a população d'esta cidade e desejava ouvir de s. ex.ª a sua opinião, apresentando ao mesmo tempo a resolução tomada

Pela Patria e pela Republica

O 24 NA FRONTEIRA

Agora que, após o reconhecimento da nossa Republica pela Hespanha, se falla no regresso do batalhão do nosso regimento, é justo que se saiba qual o papel que desempenhou na jornada que fez ao norte do paiz, e onde, se não alcançou victorias em combates contra os inimigos da Patria, conquistou as sympathias e a admiração de todos os povos por onde passou, pela sua conducta exemplar, pela sua disciplina, que foi irreprehenivel, pela firmeza das suas convicções mais de uma vez postas á prova em contacto com alliciadores meritos e pela sua dedicação á causa da Republica, comprovada em semanas consecutivas d'uma vigilancia extenuante.

Ao regimento 24, que é considerado com toda a justiça, como um dos mais fieis e dedicados ás novas instituições, foi requisitado um batalhão afim de cooperar com outras forças na defeza da fronteira.

Organizado, esse batalhão, na força de 327 homens, sob o commando do distincto official sr. major José Domingues Peres, embarcou na estação do caminho de ferro em 14 de agosto, em direcção a Traz-os-Montes.

A estação estava apinhada de gente, embora certas entidades primassem pela sua ausencia, e o batalhão teve uma despedida affectuosíssima. Da memoria de todos os officiaes e praças já mais se extinguirá o echo d'esse emocionante espectáculo de despedida, com que o bom povo de Aveiro quiz testemunhar a sua grande saudade pelos que partiam; quadro unico de amor e entusiasmo que tarde se repetirá na nossa terra. Pode Aveiro ter a certeza de que esses pequenos momentos gravaram no coração de todos, uma divida de reconhecimento que o tempo difficilmente apagará.

Recebido com provas de carinho por onde passava, o batalhão entrou em Chaves ás nove horas e meia da noite de 15, por entre alas de povo, com pouco entusiasmo é verdade, mas que não se cançava de admirar o garbo e a boa ordem com que desfilavam as praças, embora cobertas por uma intensa nuvem de pó.

Chaves é uma villa essencialmente militar. A muitos kilometros de distancia, foi o batalhão esperado por um grande numero de officiaes a cavallo, e por individuos da classe civil em automovel, que pretendiam apreciar de perto, e longe dos povoados, o estado de espirito das tropas; pois a officiaes ouvimos dizer, que nunca viram uma marcha de estrada com tanta ordem e disciplina.

Dias depois, o general commandante da 6.ª Divisão visitava Chaves, para se assegurar do estado moral das tropas da fronteira, e elogiava o commandante do batalhão do 24, pela forma correcta e disciplinar como as tropas do seu commando se tinham apresentado. Era o fim da primeira *étape* d'esta trabalhosa jornada.

Os primeiros dias após a chegada do batalhão, foram aproveitados pelos officiaes em fazer reconhecimentos ás regiões onde iam ser estabe-

Do Porto

Passeava ha dias na Praça da Liberdade com dois amigos um dos quaes acerrimo defensor do regimen monarchico—mas defensor do regimen monarchico apenas, não do deposto regimen de adeantamentos—meus companheiros ambos, já de velhos tempos.

Mau grado ser um lealissimo character, espirito liberal e recto, o sincero realista teima em que para se governar bem uma nação não ha necessidade de escolher regimen, mas sim homens.

Os nossos principios politicos diametralmente opostos, nunca determinaram a mais imperceptivel solução de continuidade na velha amizade que nos liga, se bem que entre nós cada encontro determinasse logo uma verdadeira batalha de argumentos, de libelos accusatorios, de invectivas, ao credo de cada um defendia sem ceder um palmo ao adversario e que mais dava a ideia de uma violenta questão entre inimigos do que uma simples discussão, apreciação e defeza de principios adoptados, entre velhos companheiros.

Proclamada a Republica corria a felicitação a elle também...

O ponderado cidadão recebeu-me sem sombra de desgosto—exclamando com sinceridade: se a Republica vem de facto livrar-nos da quadrilha que nos deshonrava e deshonrava o regimen e levantar o paiz do atoleiro da ignominia em que o enterraram, aceite-lhe os parabens. Mas deixe-me dizer-lhe ainda que mesmo para se obter esse resultado não era precisa a Republica. A crise não é de principios, é de homens.

Oxalá que ao partido republicano o mesmo não succeda.

Ora passeávamos ha dias na Praça de D. Pedro, hoje Praça da Liberdade, discutindo a chronica questão politica, apreciando factos, homens, orientações etc., quando, a proposito, o meu amigo me apresenta o n.º 620 dos *Ridiculos*, que em Lisboa se publica bi-semanalmente, lendo-me uns trechos de uma secção intitulada *Lanterna Magica* onde se aprecia o procedimento de um senador da Republica, um dia ao entrar na sessão de respectiva camara.

E o meu amigo clamou em voz alta deixando transparecer indignação: *ora, onde nem educação civica existe, não podem suppr-se prediçados d'onde possa provir a felicidade da nação.*

Os srs. republicanos para captarem a confiança do paiz que ainda desconfia d'elles e hade desconfiar por muito tempo, porque não os conhece, tem de proceder em tudo, digna, cordata e sensatamente. O contrario será afastar essa confiança cuja ausencia acabará por os divorciar da nação, ou pelo menos afastal-a com prejuizo evidente do paiz.

Concordei em principio.

O facto, na apparencia banal, dispõe mal na occasião presente em que cada cidadão dos cinco e meio milhões que habitam este jardim á beira-mar plantado, tem, como vulgarmente usa dizer-se, sete olhos em cima do governo republicano, dos deputados republicanos, dos senadores republicanos, dos funcionarios republicanos para lhes apreciar os actos, os simples gestos, advinhar-lhe as proprias intenções, fazendo cahir sobre todos os seus movimentos politicos uma critica tão dura e tão acerba quanto benevolente e indifferente era a que fazia incidir sobre os actos do deposto regimen.

E isto explica-se:

Que na monarchia havia roubos, desfalques, falcaturas, arbitrariedades, tudo de mau e inutil, que foi um regimen de concessões e favoritismos, toda a gente o sabia, e ninguem se preocupava já a discutil-o; mas os republicanos apregoavam por toda a parte o puritanismo dos seus principios de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, a honestidade dos seus programmas administrativos, a sua educação democratica, patriótica e civica.

D'aqui a curiosa expectativa em que todo o paiz se encontra em face dos actos do governo republicano e de todos os republicanos.

Agora vamos ao caso.

Um senador, cujo nome o jornal citado não indica, entendeu que não devia encommendar-se a ir collocar o seu chapéu no cabide para tal fim destinado e atravessando a salla das sessões foi pôl-o sobre a cabeça d'um busto de homens notaveis que desempenharam preponderante papel na

politica portugueza, que ornava a salla.

O acto praticado por qualquer estudante do lyceu não tinha importância alguma; commettido por um senador em plena sessão, ou representa leviandade inadmissivel na eldade que a lei organica do paiz prescreve para estes representantes da nação, ou absoluto desconhecimento da compositura exigida a quem desempenha o mandato que a nação lhe commetteu, ou imbecil gração inadmissivel no logar e momento em que se encontrava.

Diz o jornal que comenta o caso, que os bustos que ornava a salla das sessões dos srs. senadores são os do duque de Loulé, Barjona de Freitas, Sampaio, Andrade Corvo, duque da Terceira, Marechal Saldanha, Fontes, bispo de Vizeu, Braacamp, Marquez de Sá da Bandeira, etc.

Quando menos, o respeito devido á memoria d'aquelles que illustraram as paginas da nossa Historia, devia lembrar ao gracioso senador, sem duvida alguma, das vulgaridades de Lineu, que as eleições de março atiraram para as Constituintes, que não lhe permitia que ali mesmo, com manifesto desrespeito pelo acto que se realisava—o que implicitamente mostra que lhe desconhece a responsabilidade—e pelos seus collegas, fizesse cabido das memorias que recordam as figuras venerandas e por muitos titulos respeitaveis, de homens que, como o illustre senador ou mais do que elle, em todo o caso, sem duvida, com muito mais talento do que elle, defenderam e lutaram pela pouca liberdade que ainda gosámos nos ignominiosos tempos d'essa monarchia que se alguma coisa tem a illustrar—é justamente os nomes e figuras d'esses incultos defensores da Liberdade e felicidade patria que honraram e abrilhantaram com a sua presença a mesma salla onde o espirituoso senador é talvez figura apagada, e que a Republica não pode deixar de venerar, porque a Republica hoje é a Patria e a Patria muito lhes deve.

E' certo que a Republica não é nem pode ser responsavel pelos actos pessoas de qualquer republicano; mas não é menos certo, também, que os actos de qualquer republicano não são assaccados a esse republicanismo, mas sim á Republica.

Assim interessa aos seus detractores.

E se a Republica precisa ainda de amparo, parta de todos a boa vontade de a servir, para evitar que á custa de leviandades individuas se responsabilise por ellas e se deprima a Republica.

Humberto Beça

A estampilha
"Assistencia"

Por ser obrigatoria, como sobretaxa, durante os dias 1 e 2 de janeiro; 4 e 5 de outubro e 24, 25, 26 e 30 de Dezembro de cada anno, recomendamos aos nossos leitores a maxima attenção para que não deixe de ser cumprida a lei por occasião do proximo anniversario da Republica, collocando nos dias 4 e 5 de outubro a estampilha de 10 réis da **Assistencia** em toda a correspondencia com excepção das publicações periodicas.

Augusta Freire

Acha-se já em Lisboa esta nossa gentil patricia enja vocação para o theatro a levou a escripturar-se na companhia do *Apollo* onde deve debutar talvez no fim de setembro corrente.

Desejamos-lhe as maiores felicidades.

Anniversario da Republica

Activam-se os preparativos para os festejos a realizar n'esta cidade no dia 5 de Outubro, primeiro anniversario da proclamação da Republica Portugueza, constando-nos que muitas serão as surpresas contidas no programma que a commissão está elaborando e que breve deve apparecer em publico e ser profusamente espalhado.

No theatro principiam e proseguem com entusiasmo, sob a direcção do sr. Antonio Alves, regente da banda de infantaria 24, os ensaios para a serenata na ria organizada pelo Batalhão de Voluntarios e que deve ser, incontestavelmente, um dos melhores numeros das festas attendendo á quantidade e qualidade dos elementos que n'ella tomam parte.

Pela commissão das tricranas d'Aveiro, composta das nossas patrias Rosa Paulino, Chrisanta Taboiera, Maria Preciosa Salgado e Cen Sarabando foi já encommendada em Lisboa uma rica bandeira de seda para ser offerecida ao patriotico Batalhão de Voluntarios na occasião da formatura

que deve ter logar no Largo do Rocio a horas que no programma geral serão designadas.

A iniciativa das gentis tricraninhas, que se não tem poupado a trabalhos para patentear o seu alto patriotismo e amor á Republica, é digna dos nossos calorosos elogios, que lhes não regatearemos, esperando apenas ver a sua preciosa dadiva para mais desenvolvadamente nos referirmos ao assumpto enaltecendo, como merece, a lembrança que com tanta gentileza e abnegação puzeram em pratica.

O fogo está sendo confeccionado a capricho por todos os pirotechnicos da cidade, esforçando-se cada um por apresentar as suas novidades afim de conservarem intactas as prerogativas que até hoje tem gosado, de bons artistas.

Excursão a Agueda

Foram magnificamente recebidos pela população da formosa villa os excursionistas que no domingo d'aqui partiram em passeio recreativo e que á noite regressaram encantados e beneditando da generosidade dos aguedenses.

O nosso presado amigo e correligionario sr. dr. André Reis, foi quem agradeceu na camara e outros edificios publicos, que visitaram, os cumprimentos dirigidos aos aveirenses pelas diferentes collectividades locais.

O *Diario do Governo* d'hontem publicou um decreto autorizando a circulação no continente, ilhas adjacentes e colonias, das estampilhas commemorativas do centenario da India com a sobrecarga —Republica.

DEVERES CIVICOS

O bom cidadão da Republica:

Sacrifica-se pela Patria, pela Familia e pela Republica.

Exige a maxima honestidade na administração publica.

Presta-se, de bom grado, a ser soldado, eleitor, jurado, contribuinte.

Descobre-se perante os symbolos da Patria (a Bandeira, o Hymno e o Chefe do Estado).

Respeita as leis e as auctoridades.

Consagra as glorias e as datas nacionaes.

Divulga a instrução e a verdade.

Ajuda a manter a ordem e a moral.

Trabalha e economisa para prosperidade sua e da Patria.

Protege tudo que seja portuguez.

E' hospitaleiro para com os estrangeiros.

Exige uma Justiça severa.

Não pede ao Estado nada de interesse pessoal.

Tem por religião o bem, o dever e o respeito.

Acompanha o progresso das mais nações.

Quer a defeza da Patria e das colonias assegurada.

Mantem o culto da honra politica e pessoal.

Publicação recommendada pelo illustre democrata e grande patriota, dr. Magalhães Lima.

A banda do 24

Das raras occasiões com que o publico conta, para recrear-se alguns minutos em aprazivel passatempo, era ás quintas e domingos, ouvindo os concertos pela banda d'infantaria 24.

Não sabemos, porém, desde quando esse unico divertimento publico cessou, sem esperanças, segundo nos informam, de o ver tão cedo recommear.

A s. ex.ª o sr. coronel commandante solicitamos a sua valiosa intervenção, no sentido de conseguir que a banda seja brevemente organizada, proporcionando-nos o prazer de a ouvir no magnifico desempenho das suas execuções.

José Salvadôr
Medico-cirurgião

CLINICA GERAL

Doenças dos olhos
Doenças das vias urinaarias

Consultas e tratamentos diarios, das 10 horas da manhã ás 2 horas da tarde.

(Gratis aos pobres)

Rua do Passeio Alegre, 36
ESPINHO

referente á offerta de 20 contos pela camara para com 30 que daria o governo, edificar-se o respectivo aquartellamento para as unidades aqui ultimamente collocadas.

Respondera o sr. ministro que nunca pensára em mudar a sede do regimento da cidade d'Aveiro, quando era certo que pela sua situação e muitas outras circunstancias deveria ser aqui collocada uma divisão militar. Que, no ultimo caso, sendo absolutamente inevitavel, poderia ser para ali destacado um esquadrão.

Que relativamente á segunda parte o governo recebia com verdadeiro prazer a offerta da camara relativamente á importancia com que ella concorria para a edificação do novo quartel, mas que só para janeiro, quando estivesse organizado o orçamento, se poderia legalmente regularisar o assumpto.

Pela pasta do fomento, o respectivo ministro, deputado por este circulo, sr. dr. Sidonio Paes, declarou estar prompto a attender todas as reclamações justas e accetaveis dos seus eleitores, esperando também pela regularisação do orçamento para tratar da Avenida, que ligará o Cojo á estação do caminho de ferro, e que tão necessaria dia a dia se mostra.

Falla depois o nosso amigo e deputado Alberto Souto, que principia por lamentar, com justificadissima razão, o abandono a que a população vota as questões do mais vital interesse para a cidade e a indifferença com que corresponde a todas as iniciativas e esforços em que alguém se empenhe, implicando o mais alto beneficio geral. Por isso não era para estranhar o desfalecimento de todas as energias e o esmorecer de todas as vontades. Não se dava com elle, porém, esse phenomeno bastava, apesar da pouca concorrencia, a presença de velhos republicanos historicos e a do dr. Joaquim de Mello, o batalhador incansavel pela sua terra, para ir até ao fim na cruzada em que todos se empenhavam: o levantamento d'esta cidade á altura que ella bem merece.

Lembrava que opportunamente se organisasse a junta de melhoramentos locais com a sanção do Estado, á semelhança das que já estavam constituídas no Porto, Vianna do Castello, Figueira da Foz, etc., e essa commissão seria a sentinella exclusivamente vigilante dos interesses d'esta região.

Sentindo a ausencia do nobre governador civil que se integrará tão intimamente com os interesses d'esta terra, como se fóra um dos mais dedicados filhos, restava-nos a consolação de o ver substituido por uma das mais sympathicas figuras, que de ha muito nos tinham habituado a respeitar, o sr. capitão do porto, que nos seus impedimentos será representado pelo dr. Joaquim de Mello Freitas, como governador civil substituto, para quem tem palavras de merecida homenagem.

O sr. dr. Mello agradece dizendo contar com a boa vontade não só dos deputados presentes, como de todos, em proveito do seu paiz e da sua terra.

Segue-se no uso da palavra o dr. Marques da Costa que promete todo o seu apoio á auctoridade superior do districto, propondo que o illustre presidente da camara vá ao Porto, assistir, em nome da cidade, ao acto da posse do dr. Rodrigo Rodrigues, como governador civil d'aquella cidade.

O sr. José Gamellas declara que, como homenagem ao digno governador civil, de quem sempre recebera inequivocas provas de consideração e sympathia, irá ao Porto, representando a Associação Commercial d'esta cidade, na qualidade de seu vice-presidente, assistir ao acto da posse do illustre funcionario.

Foi também proposto que todos os cidadãos comparecessem á partida de s. ex.ª para se lhe prestar o devido preito a que tem indiscutivel jus, quem sempre por esta terra tanto fez.

Falla de novo o sr. dr. Mello Freitas, que agradece as palavras do sr. dr. Marques da Costa, resolvendo-se, a seguir, que uma commissão composta pela meza, deputados presentes, representante da Associação Commercial e quem mais quizesse a ella agregar-se, fosse no dia seguinte ao gabinete do governador, ouvir da bocca de s. ex.ª, as impressões recolhidas em Lisboa, nas conferencias com os ministros e que ali resumidamente se referiram.

Em Vagos vende-se O Democrata na Merceria Trindade, onde também se encontram posteos em miniaturas de alguns n.ºs

As noticias alarmantes sobre a incursão chegavam todos os dias, e á medida que estes passavam, sem que taes factos se confirmassem, outras informações surgiam com o caracter de maior veracidade, dando como certissima a incursão para a noite seguinte! A noite passava com o mesmo resultado!... Mas os boatos continuavam com uma insistencia revoltante, e o que é certo é que, apesar de descrentes, a vigilancia era a mesma, e as noites eram passadas em claro. E não se dormia um instante, porque uma vez era a luz que se via ao longe—além fronteira—e que parecia um signal combinado com os *pai-vantes* cá de dentro, outra vez era um tiro disparado por algum guarda de vinha, mas que echoava por as quebradas das montanhas, parecendo um tiroteio a marcar o inicio da *esperada festa*, ainda outras vezes era o fogo com que a distancia se festejava algum arraial, e que pareciam os foguetões com que os postos fiscaes da fronteira deviam annunciar a entrada dos conspiradores. Eram rebates falsos que tiravam o somno, mas era commovente ver logo, após, elles o enthusiasmo dos nossos soldados preparando-se e perguntando com uma loucura propria de quem está ansioso por liquidar uma situação insustentavel: oh rapazes, será d'esta?... Mas era mais uma esperança perdida. Os conspirantes não vinham porque *sabiam a sorte que os esperava*... Tudo quanto se diga em louvor das praças, é pouco. Sempre obedientes e disciplinadas, sem um desalento, dormindo vestidas sobre palha e quantas vezes sobre o solo humido das encostas dos montes, que deviam ser as suas posições de resistencia, tendo por unico abrigo a tenda regulamentar, mas sempre bem dispostas, vindo em todo esse sacrificio, o bem da sua Patria. Quando, embora extenuadas, alguma missão difficil era preciso desempenhar,—todos se offereciam com uma simplicidade interneeccora e como se estivessem de folga já ha muitos dias! Como tudo isto é consolador!

Chegou-se ao dia 12 do corrente. Foi um dia de festa em todos os postos, ao saber-se da boa nova do reconhecimento da Republica pelas principaes nações da Europa. Não se descreve o contentamento dos soldados: alguns tiram das mochilas as bandeiras que a boa ordem e disciplina não tinham permitido ostentar publicamente e embandeiraram os acampamentos n'um enthusiasmo indisciplinavel; outros fizeram *quêtes* para a compra de fogo, a fim de melhor festejarem um acontecimento que elles sabiam, ia partir os dentes aos *sebastianistas*, que affirmavam categoricamente, como meio de propaganda, que nunca a Hespanha e a Inglaterra reconheceriam a nossa Republica. Depois do reconhecimento, a vigilancia diminuiu e o receio das incursões desapareceu quasi por completo; principiaram então as baixas ao hospital. Os soldados estavam de ha muito extenuados, mas não desejavam abandonar o seu posto, e ao proprio capitão medico pediam internecidamente que os não mandasse para o hospital, porque *desejavam tomar parte na refrega*.

Os mais pessimistas que avalem o patriotismo d'estes soldados. O batalhão vae em breve regressar ao seu quartel; a não ser alguma praça que fique no hospital, regressam *todos* os que vieram. Nem um só soldado desertou, e antes, alguns repeliram altivamente, tentativas de aliciação que lhes foram feitas. Reparar n'isto aquelles *patriotas* que pelo paiz propagaram que metade do batalhão se tinha passado para os conspiradores com armas e munições! Como seria bom conhecer os patiforios para se lhes fazer engulir a baba peçonhenta com que quizeram emporcalhar o nome d'um regimento!

O batalhão vae por estes dias reunir-se aos seus camaradas; não vae repleto de gloria porque não teve inimigo com que se defrontasse, mas regressa orgulhoso, com a convicção de que *alguma coisa faz em prol da Patria e da Republica*.

Um official

CURIOSO

Como se sabe, a agonia do regimen monarchico em Portugal começou com o *ultimatum* inglez em 11 de janeiro de 1890, data que, numericamente, indicaremos assim:

1.º—11—1890.

Em 19 de junho de 1900, quando no Parlamento se discutiam, ou iam discutir, as chamadas *reformas constitucionaes*, o dr. Affonso Costa apresentou na Camara dos Deputados a celebre moção que terminava por abolir entre nós o *systema monarchico* representativo.

Dois dias depois d'este facto

6.º—21—1900

abria-se a crise ministerial, em consequencia de *divergencia de ideias* sobre a marcha politica do gabinete, entre o rei Carlos e o presidente do conselho, Luciano de Castro.

São, portanto, historicas as duas datas:

1.º—11—1890 e 6.º—21—1900.

Se subtrahirmos entre si as citadas indicações numericas dos mezes, dias e annos para se encontrar *um dia, mez e anno*, pela seguinte fórma:

6.º—21—1900

1.º—11—1890

5 10 10

obteremos uma differença de que resulta outra data historica:—5 de outubro de 1910.

A descoberta, que é curiosa, deve-se ao nosso correligionario e amigo, dr. André dos Reis.

“Vida Politica,”

Recebemos o n.º 5 d'este bem redigido pamphleto que o scintillante espirito de Luiz da Camara Reis lançou á publicidade obtendo, como era de esperar, o maior successo. Eis o summario:

O reconhecimento da Republica Portuguesa por todas as potencias—Os conspiradores—O seu fracasso completo—O plano da campanha—O povo das aldeias do norte e o fanatismo religioso—Paiva Couceiro e Homem Christo—O rei traidor por quem se batiam—Actos e palavras de D. Manuel nos dias 4 e 5 de outubro—O chefe dos conspiradores—Herro d'Africa e chefe de mercenarios—Como acabou Paiva Couceiro?—Pelo suicidio ou como o marquez de Soveral?

A Vida Politica encontra-se á venda em todas as livrarias e kiosques, ao preço de 50 réis, podendo os pedidos de assignatura serem feitos para a rua da Palma, 24—1.º—Lisboa onde se acham installados os escriptorios de redacção e administração.

A administração de “O Democrata”, roga a todos os assignantes de fora d'Aveiro, a fineza de mandarem satisfazer os seus debitos enviando as importancias em sellos, vales do correio ou ordem de pagamento, o que agradece.

CONSPIRANTES D'AVEIRO

Notas e apontamentos

Publicamos hoje o que alguns dos presos, suppostamente implicados nos manejos anti-patrioticos de Paiva Couceiro, Christo & C.ª, se permitiram deixar escripto nas paredes das cellas do convento de Jesus onde por algum tempo estiveram encarcerados e que d'algum modo ha-de servir para fazer a historia da trama urdida e dos que n'ella tomavam parte por obediencia aos principios que *desinteressadamente* defendiam.

Leiam que é edificante:

Preso para as Carmelitas ás 4 horas da tarde, 5—7—911, fui transferido para esta cela ás 11 e meia da noite de 10—7—911 continuando incommunicavel. Foi meu conductor das Carmelitas para esta cela Antonio Maximo Junior e um soldado de cavallaria. O convento de Jesus esteve até ás 2 horas da noite invadido pelos seguintes individuos, que se fartaram de dar ordens violentas e vexatorias contra os presos:

Francisco Bandarra, sapateiro; Manuel Sempre-a-Andar, idem; Antonio Maximo Junior (este portu- se bem) João Rosa, empregado do correio; Agnello Augusto, sem profissão; Duarte, sapateiro; e outros mais cujos nomes agora me não occorrem.

Foram-me negados jornaes e o pedido que fiz para me entregarem livros da minha profissão, feito hontem, só hoje começou a ser deferido. Entregaram-me os decretos da Republica.

J. D. Silva.

12—7—911

Por ordem do commissario de policia foi-nos levado o dinheiro que tinhamos em nosso poder.

Jayme Duarte Silva.

12—7—911

Passou o Chico da Costa que não me fallou.

J. Duarte Silva.

14—7—911

Por ordem do juiz de investigação fui a minha casa, com o João Mendonça, buscar uma caixa de um revolver que tinha nos meus escriptorios.

J. Duarte Silva.

14—7—911

Levantada a incommunicabilidade a Albino de Miranda.

J. Duarte Silva.

Fui preso no dia 5 de julho, ás 5 horas da tarde, por um garoto que nem por nome conheço, e acompanhava este um policia ao qual me entreguei, recusando-me a acompanhar aquelle a meu lado por lhe não reconhecer auctoridade para isso.

D. Pereira Campos.

Hoje, 26 de julho de 1911

Entreii no dia 10 do mesmo e até hoje sempre massacrado pelos sargentos commandantes das guardas que aqui tem feito serviço, eu e todos os meus ex-companheiros.

Oliveira.

Parece impossivel

que no regimento d'infanteria 24 se não estabeleça uma escola para dar educação a parte dos sargentos de mesmo regimento principalmente áquelles que aqui tem feito serviço pois são os que ha de mais indecente.

Manuel d'Oliveira.

Hontem, 20, pelas 10 horas da noite, o sargento Oliveira, commandante da guarda (irmão do Pompeu) deu tão apertadas ordens ás sentinellas que uma d'ellas entrou na minha cela duas vezes para verificar se eu estava. Da 1.ª não me importou o caso, porém da 2.ª, achando *amabilidade de mais*, disse-lhe que não consentia tal violencia porque me não deixava dormir. Em resposta ao meu protesto, ouvi um d'este *calose* que teria feito córar de medo o Eduardo Barbosa.

Com o procedimento da sentinella fiz-lhe ver que a forma por que trata o preso não é correcta. N'esta altura, se me não enganou, intervem o sargento Oliveira a quem o dr. Jayme D. Silva lhe diz que sendo elle filho d'Aveiro muito o impressionava o facto

de tão sceleradas ordens, pois outros sargentos que não conheciam os presos, tinham n'estes uma confiança digna de apontamento. Sargento Oliveira responde dizendo que via caras e não corações, ao que o dr. Jayme responde dizendo que sendo elle Oliveira tão bonito tinha por consequencia um mau coração.

Sobre o caso supra deram-se varios incidentes que não ouvi bem, visto darem-se á porta da cela do meu collega de carcere João Luiz Flamengo. Todavia tenho de memoria que entre os primeiros Flamengo e Oliveira houve tal troca de ex.ª que chegava para a população d'Aveiro.

Antonio Ferreira.

14 de junho de 1911

Ordem do exercito

Feito heroico

Tendo chegado ao meu conhecimento que o sr. sargento Vasconcellos, d'infanteria 24, mandou pregar os postigos de todas as cellas com receio dos presos politicos se constiparem, hei por bem decretar o seguinte:

Que o dito sargento Vasconcellos seja promovido por distincção a capitão do exercito portuguez, do qual ficará sendo uma gloria e que seja condecorado com a grã-cruz da Torre e Espada e uma pensão annual de 3 contos de réis.

O commandante da guarda, Coronel Pimpão.

(Antonio Ferreira).

O cabo Peres, da guarda d'hoje, sendo um bello rapaz, é contudo um grande maluco. O caso é que, com pretensões a general em chefe, exauctorou por completo o 2.º sargento Campos, commandante da guarda. Não conto os promenores, porque não quero fazer córar de vergonha o sr. Campos. Quem prohibiu a tocadella de gramophone?

Aveiro, Convento de Jesus, 22—7—911.

A. Ferreira.

Ha feras no Jardim Zoologico com mais sentimentos e dignidade que mesmo o menino Acaocio.

Está dito tudo sobre este figura de cabresto.

Aveiro, Convento de Jesus, 23 de julho de 1911.

Antonio Ferreira.

Fui sempre conspirador!

Ricardo P. Campos.

Na parede do lado direito, ao cimo das escadas que conduzem ás cellas onde esteve encerrado a famosa *troupe*, lê-se o seguinte:

Só entram sem pedir licença os militares e malcreados.

MEMORIAS DO OLIVEIRA

Fui preso no dia 3 de julho de 1911, pelo cabo Almeida, da judicaria do Porto, na rua do Correio n.º 72, estive no Aljube até ao dia 5 do dito mez de julho, que fui debaixo de prisão para Aveiro, conduzido pelo policia 13 d'Aveiro.

Chegado alli fui para o hotel *Cysne*, para o quarto do commissario, onde estive a ser interrogado por este até á 1 hora da madrugada, (desde as 5 da tarde) a essa hora recolhi ao calabouço n.º 2 d'Aveiro, no dia seguinte fui novamente interrogado pelo tal Beja da Silva, (commissario) e como lhe não quizesse fazer depoimento que provasse crime ao dr. Jayme, voltei para o calabouço ameaçando-me elle commissario e os policias fogueiteiro e o Rainha que eu se não compromettesse o Jayme, eu só sahiria quando o tétto do calabouço creasse ervas.

D'ahi a 2 dias voltei a ser interrogado no gabinete do commissario e d'ahi fui chamado ao quarto em frente a este onde estava o Francisco da Encarnação e este logo que eu entrei sahi e ficou o Maximo que se dirigiu para mim com umas notas na mão dizendo:—*6 Oliveira até é uma pena você estar a padecer por causa d'aquelle malandro do Jayme e como nós todos sabemos, que você é pobre arranjámos este dinheiro entre nós para lh'o dar. Tome são 50\$000 reis, faça um depoimento que o faça ir parar aos infernos, que encommoda toda a gente em Aveiro e não tenha medo que ed nós lhe tratamos d'emprego, que esse malandro não volta cá mais*—e eu respondi-lhe que a camisa que tinha vestida era velha e só tinha outra a lavar, mas que não servia para

isso nem para me vender nem para comprometter homens de bem como o dr. Jayme. Disse-me que eu me arrependeria da triste figura que fazia n'aquelle momento e seguiu para o gabinete do tal Beja e fallaram em segredo, depois chamaram-me e disse-me o Beja logo que eu não me resolvia a condemnar o Jayme (o meu paesinho) nem com quem o vi no Porto, que tarde e bem tarde sahiria, mas que pensasse bem e se me resolvesse que lhe mandasse dizer pelo guarda e esperou uns dias (5 ou 6) e mandou-me perguntar pelo fogueiteiro se eu não tinha pensado ainda e eu mandei-lhe dizer que não tinha nada que pensar. D'ahi a 2 dias o policia fogueiteiro e o Rainha deram parte ao commissario que eu que tinha arrombado dois vidros d'um pequeno postigo que havia no calabouço e que fallara para fora para umas creadas de uma senhora, fui chamado e neguei e elle Beja, mandou-me para o convento de Jesus, dizendo-me que para o pé do paesinho receber instruccões, vá com Deus que o sr. arrepende-se breve.

Cheguei ao convento onde estavam presos os sr. dr. Jayme, Flamengo, Catalá, Pedrosa, Trindades e Campos 2, e outros.

Como se vê, o gatuno não se quiz vender aos republicanos nem por 50\$000 réis, apesar de ter só duas camisas. *Honrado gatuno!* Mas quem lhe ensinaria a lição, posto que seja chapa batida essa de offerecimentos na policia para arrancar depoimentos que comprometter?

O gatuno com certeza não se lembrava do tal. Porque, além de gatuno, o Manuel de Oliveira, é estúpido e indolente.

Oh! pae!...

Na Oliveirinha

De visita á sua terra natal, depois d'um exilio de 20 annos em terras da America, chegou no dia 9 á Oliveirinha, o sr. José Ribeiro. Este cidadão, sargento de infanteria 18 aquartelado no Porto á data da revolução republicana de 31 de janeiro de 1891, entrou n'ella com tanta coragem e heroicidade que o governo o distinguia agora com o posto de tenente premeando-lhe assim os relevantissimos serviços que á causa da Patrie e da Republica havia prestado n'aquelle tragica e sangrenta madrugada.

Por parte dos seus conterraneos, o tenente Ribeiro teve á sua chegada á estação das Quintãs uma imponente manifestação de sympathia, manifestação que se repetiu depois na Oliveirinha quando ali chegou acompanhado dos seus numerosos amigos que incessantemente o aclamavam ao som da *Portuguesa* tocada pelas duas bandas de musica que os seguia e que imprimiu á recepção de José Ribeiro a nota patriótica que não podia deixar de ter visto o papel por elle desempenhado na occasião do primeiro baptismo de sangue da Republica.

O sr. tenente Ribeiro hospedou-se em casa do professor João d'Almeida Vidal, de cuja varanda agradeceu as entusiasticas e comovidas manifestações de que fora alvo terminando o seu primoroso discurso por um appello a todos quantos o escutavam para que não esquecessem a instrucção de seus filhos por ser essa a principal alavanca do progresso mundial.

Emquanto a nós o povo da freguezia da Oliveirinha honrou-se recebendo com carinho e effusão, da maneira porque ahi fica succintamente narrado, um dos seus filhos mais dilectos e valoroso combatente de ha 20 annos pelo regimen da Moralidade e da Justiça, José Ribeiro.

Nós o saudamos tambem.

Sociedade commercial

Em carta-circular datada de 31 de junho communicam-nos os sr. José Henriques d'Almeida e Clemente R. Almeida que constituiram, em Manaus, (Brazil) uma sociedade de responsabilidade solidaria sob a razão social de Almeida & C.ª cujos fins são a exploração de fabrico de bebidas, importação, exportação, commissoes e consignações para o que tem pessoal habilitado e competetissimo.

A sede do novo estabelecimento é na Rua Saldanha Maranhão, n.º 71. Muitas prosperidades.

O Democrata—vende-se em Aveiro, no kiosque da Praça Luiz Cypriano.

Sessão da Comissão Administrativa Municipal d'Aveiro, de 13 de setembro de 1911.

Presidencia do cidadão Daniel Gomes d'Almeida. Compareceram os vogaes Manuel Augusto da Silva, Pompeio Simões Souto Ratolla, Sebastião Pereira de Figueiredo e Manuel Teixeira Ramalho.

Acta approvada, sendo presentes e lidos em seguida: uma carta do secretario particular de sua ex.ª o presidente da Republica, e um telegramma do ex.º ministro do fomento agradecendo as felicitações que a commissão lhes havia enviado;

Um officio da direcção das Obras Publicas do districto açorca do levantamento da planta da cidade, resolvendo a commissão mandar incluir no seu proximo orçamento a quantia de 50\$000 réis para remuneração aos empregados d'aquella repstição, pelos trabalhos do levantamento da planta da cidade, que lhe deverão ser entregues quando a camara receber a mesma planta;

Um officio do director da Fabrica do Gaz, d'esta cidade, pedindo para lhe serem relevadas as multas que lhe foram impostas na sessão anterior por se terem encontrado apagados tres candieiros da illuminação publica, resolvendo a commissão manter essas multas por não provar os casos de força maior que alega e serem constantes as faltas, dando-se-lhe conhecimento d'esta resolução e fazendo-se-lhe sentir que todos os candieiros se encontram em pessimo estado de limpeza, e que a luz é por tal fórma diminuta que a cidade está muito mal illumuada.

Foi em seguida presente e lida uma representação de mercante e morador da Costa de São Jacintho, freguezia da Vera-Cruz, d'este concelho, na qual pedem oito candieiros de illuminação a petroleo na rua marginal á ria, (resolução que já havia sido tomada), e bem assim a construção d'um aqueducto para esgoto das aguas pluvias, resolvendo a commissão crear um logar de vigia, jornaleiro, encarregado da limpeza e accendimento dos candieiros, e de fiscalisar toda a referida praia durante os mezes de agosto a dezembro, mandando tambem proceder já ao estudo e orçamento do aqueducto a construir.

Foram mais presentes: dois requerimentos, sendo um de João Augusto de Mendonça Barreto, casado, e manunense da administração d'este concelho, residente n'esta cidade, e outro de João Martins Christão, professor primario em Vagos, mas que residiu n'esta cidade nos annos de 1908 e 1909, pedindo attestado do seu comportamento moral e civil, que a commissão julgou bom.

Outros de: Luiz Simões da Silva Maio, viuvo, da freguezia da Gloria, d'esta cidade; Manuel Francisco Laranjeiro, lavrador; Antonio Lopes, idem; e Joaquim da Fonseca, idem, todos do logar da Taipá, freguezia de Requeixo, d'este concelho, pedindo licenças de construcção e alinhamento, que lhes foram concedidos;

De João Simões Peixinho, casado, da freguezia da Gloria, d'esta cidade, para construcção d'um cano de esgoto na rua das Barcas, que foi deferido; e De João da Silva Pereira, viuvo; Luiz da Naia Pacheco, casado e Francisco Machado, idem, todos d'Aveiro, para alteração das fachadas dos seus predios n'esta cidade, que a commissão tambem deferiu.

A commissão resolveu indeferir o requerimento de Manuel Rey, casado, morador na rua da Estação d'esta cidade, que pedia para converter um portal de carro em vão de porta d'um só batente, consoante a informação do seu chefe de trabalhos, e que elle fosse obrigado a repór o dito portal no seu primitivo estado, no prazo de 8 dias, devendo pagar a respectiva multa comminada no art. 3.º das posturas municipaes, que elle transgrediu.

Foi apresentada a nota dos fundos existentes na sua thesouraria no dia 9 do corrente, verificando-se por ella que o saldo em conta da camara era da quantia de 463\$854 réis, e em conta do Asylo-Escola de 309\$361 réis.

Resolveu conceder ao sr. amannense Manuel dos Santos Silva a licença que pediu de 30 dias, mas sem prejuizo de serviço, na fórma dos annos anteriores.

Por proposta do cidadão presidente a commissão resolveu mais:

Instalar no convento de Jesus a *Escola de Ensino Normal* e a *Escola Central* masculina, d'esta cidade, dando alli tambem casa de habitação aos seis professores de esta ultima escola;

Transferir a *Escola Central* feminina para o edificio em que até agora tem funcionado a central masculina;

Instalar a escola, para o sexo masculino, da freguezia da Vera-Cruz, d'esta cidade, creada por decreto de 4 de janeiro ultimo, publicado no *Diario do Governo*, n.º 3, de 5 d'aquelle mez, no edificio de onde sae a *Escola Central* feminina.

Pedir a creação d'uma escola para o sexo feminino, na freguezia da Vera-Cruz, d'esta cidade, para funcionar no edificio em que tambem fica installada a escola masculina, que foi construido para n'elle funcionarem duas escolas parochias, uma para cada sexo;

Pedir ao governo a concessão da mobilia e material escolar que foram pertença do extinto *Collegio de Santa Joanna*, n'esta cidade;

Transferir para o novo edificio dos asylos, aproveitando as salas destinadas no primitivo projecto a uma capella, a *Escola Industrial Fernando Caldeira*, devendo para esse fim ser soahhada a sala do pavimento terreo;

Mandar o mestre d'obras examinar e orçar os concertos que necessitam uma fonte e um aqueducto no logar de Vilar, duas fontes e tres aqueductos no da Oliveirinha;

Convoacar os 40 maiores contribuintes, nos termos das leis vigentes, para na proxima quarta-feira 20 do corrente, pelas 10 horas da manhã, comparecerem na sala das sessões d'esta camara, a fim de emitirem o seu parecer acerca do emprestimo que a commissão tem em vista fazer para a construcção d'um quartel n'esta cidade;

Despedir os dois armazens, do Alboey e do Matadouro, onde a camara tem actualmente os seus depositos de materiaes de construcção, logo que ter-

minem os respectivos arrendamentos, transferindo os materiaes alli existentes para os baixos do edificio do convento de Jesus; e

Dar toda a publicidade ao edital em tempo publicado por esta camara acerca do fornecimento de gado d'esta regiao para o matadouro de Lisboa.

Por proposta do vogal cidaõ Pompilho S. S. Ratolla, resolveu ainda:

Pedir autorisação ao governo para pôr a concurso o logar de afierdor de pezos e medidas com a dotação que actualmente tem de 50,000 réis annuaes, por este logar se achar preenchido interinamente já ha annos;

Officiar ao commissario de policia civil chamando a sua attenção para o facto attentatorio da moral publica de, nos canaes da cidade, andarem continuamente nadando individuos nus, para que o prohiba, pedindo-lhe para que tambem prohiba o estacionamento de trens junto das placas do jardim do largo Luiz Cypriano, que se encontram por esse motivo muito damnificadas e mesmo por que esses trens prejudicam o transito publico; e

Pedir tambem aos vendedores de leite que façam essa venda pela forma por que o fazem, com grave prejuizo para o publico, pois que, trazendo eiles todas as suas medidas umas dentro das outras, ao fazer a medição do leite de uma medida maior com todas as menores dentro d'essa, a quantidade de leite medido é muito menor do que o seria se essa medição se fizesse, como devia ser feita, apenas com a medida pedida pelo freguez.

Por fim achando-se presentes a maior parte dos moradores do logar de Villar, freguezia da Gloria, d'esta cidade, que pediam para este logar a transferencia da escola primaria feminina ultimamente creada e ainda não provida do logar de S. Bernardo da mesma freguezia, transformando-a em escola mixta e para que do mesmo modo fosse transformada em mixta a escola primaria masculina, já antiga, d'este logar de S. Bernardo, resolveu a commissão estudar o assumpto, officiando ao sub-inspector primario para que, pelo recenseamento escolar dos logares de Villar, S. Bernardo, Quinta do Gato e Preza, se possa verificar qual o local para onde esta escola deva ser mudada, attendendo á commodidade das creanças que a tenham de frequentar.

CARTA

Cidãõ Redactor

Rogo vosso me dispenseis um canthino do vosso conceituado semanario, onde possa dar o desmentido necessario á parte insidiosã d'uma local, inserta no jornal A Liberdade de 4 do corrente, em que sou visado.

N'essa local afirma-se que logo no dia seguinte ao da apprehensão da rolã na Costa Nova um empregado administrativo, que tambem tomou parte no assalto, quiz levantar a parte que lhe cabia, etc. e ainda—isto é escandaloso e immoral.

Ora tal não passa d'uma grosseira mentiroza, que algum ponto, ferido d'aza, impingiu ao articulista de boa-fé.

A verdade é que, feita a apprehensão dos effeitos do jogo, como precitua o código, tendo-se levantado duvidas sobre o destino a dar á parte do dinheiro apprehendido, pertencente por lei aos apprehensores, por n'isso ser ommissa a lei, fui encarregado pela autoridade competente de ir a juizo consultar o M.º juiz de Direito sobre o caso, o qual reunido em conferencia com o illustre Delegado da comarca, dr. Correia, resolveu o assumpto consultivo.

Nada pedi para mim porque nada tinha a pedir. Se isto é escandaloso e immoral não sei como classificar a defeza acalorada da jogatana, manancial de todos os crimes desde o roubo ao assassinato, que tantas vezes tem tido n'esse vicio a sua origem.

Saude e Fraternalidade.
Aveiro, 15 de setembro de 1911.
Moreira Bello

Lutuosa

Em Montemór-o-Velho, onde ha tempos fixara residencia, na companhia de sua filha mais velha, falleceu a sr.ª D. Amélia Augusta Correia, esposa do sr. Ernesto Correia, que foi aqui largo tempo chefe da repartição telegrapho-postal e sogra do nosso bom amigo João Rosa.

A finada, possuidora de bellas qualidades, foi victima d'uma pertinaz doença que ha muito lhe minava a existencia e que sempre fôra rebelde á sciencia e aos cuidados com que se esforçaram para debelala.

A toda a familia dorida especialmente a seu genro, João Rosa, os nossos sinceros sentimentos.

O JOGO

Em Espinho como no Luzo estão fechadas todas as casas de jogo que ali se tinham estabelecido, tendo o digno commissario de policia tomado as providencias necessarias para que já mais sejam abertas.

EM CACIA

A "thalassaria," manobrando á solta — Ramificações locais do "complot," monárchico-paivantino — A "Sabonaria" caciaña fazendo inciações altas horas da noite — Máscaras, punhaes, bombas e pistolas — Introdução clandestina de material de guerra na freguezia — Alliciação descarada de "roubacos," e "pimpões," para as hostes de Conceição — Comicio nocturno de cirozes na Valla Negra — Bombardeamento imminente do "Centro Republicano de Cacia," pela esquadra "murtozeira," do Vouga — Enfim, é uma vez uma Republica!...

Republicanos historicos de Cacia, alerta! Impende sobre as vossas cabeças a ameaça terrivel d'uma nova S. Barthelemy! A paivantada de Cacia conspira e premedita, com ferocidade propria de chacaes, uma chacina cruel, cumprindo instrucções secretas da Galliza e Roma. O ouro do jesuita Gonzaga Cabral já contaminou as margens sorridentes do nosso Vouga.

Creaturas da nossa terra em quem o sentimento patrio nunca encontrou guarda, serventuarios ignobeis para quem o vil metal é o unico mobil das suas acções, predispozem-se a furir na nossa freguezia a nota discordante do desassossegado e da incerteza do dia d'amanhã. Pois bem!

Aprestemo-nos nós, republicanos historicos de Cacia, para o embate e provemos mais uma vez que a luca é, para nós, a vida, e condição primordial da nossa existencia.

Tem a nossa terra, como todos os burgos sertanejos do feudalismo monarchico-brigantino, representantes ultracomicos e grotescamente pretenciosos do regimen decahido. São elles os portuguezes degenerados que se não conformam com a libertação politica operada pelo povo portuguez na gloriosa madrugada de 4 d'Outubro de 1910. E n'essa disposição d'animo vá de conspirar contra a Republica na treva da noite, ou em alfrjas sombrias, na doce illusão d'um morbido stebastianismo, que seria apenas disfructavel se não fosse incommodo pelos prejuizos d'ordem economica que acarreta á nação.

E para não fazer excepção á desorientação geral que lavra nas fleiras thalassico-prediaes, eis que em Cacia tambem se conspira. Assim nos scientifizou um alliciado recém-chegado a esta capital, que, sendo nosso correligionario e socio do Centro Republicano de Cacia, assistiu a varias reuniões de conspirantes, passando por um devotado monarchico. Por elle viámos ao conhecimento de que na marinha de Cacia a organização revolucionaria dos paivantes, conhecida pela Sabonaria, (parodia grotesca á Carbonaria Portugueza) tem feito, a altas horas da noite, bastantes inciações, engrossando d'este modo as suas agnerridas fleiras. Tudo lhes serve: novos, velhos, aleijados, malucos, etc. Assim é que, entre os terriveis conspirantes, se encontra o Chilo, da Quinta, o Le Carullo, de Cacia, e varios outros aleijados do espirito e do corpo, que seria ocioso enumerar.

A essas reuniões da Sabonaria, algumas d'ellas tumultuosas a ponto das águas do Campo fugirem espavoridas para o Monte, tem presidido quasi sempre de balandru, mascarilha e punhal á cinta, uma pobre e desmiolada creatura que o vulgo, ha muito, appellida de Bruxo, e cujo croado, ou moço, vae para um anno, vomitou uma noite, no largo do Coval, os restos da ceia para cima das paredes do Centro Republicano da freguezia. Pena foi que esta provocação não fosse completada com a tal função de pãu encomendada por alguém ao caciobrio Baõta da Povoa. Seria interessante ver quem levava a melhor, se os provocadores, se os provocados. Mas adeante; o que lá vae, lá vae, e felizmente para todos já se não repetirá. A's reuniões acima referidas tem comparecido emissarios de Paiva Conceição e do jesuita Gonzaga Cabral, como guarda avançada de uma expedição de material de guerra embarcado em tres navios, procedentes de Inglaterra, e que, altas horas da noite, a occultas das autoridades, forçarão a barra d'Aveiro, devendo fundear na ribeira de Sarrazolla, onde desembarcará a carga. Consta esta de larga profusão de espingardas, carabinas, bombas explosivas, punhaes, pistolas e canhões de tiro rapido, que os conspirantes ainda não sabem onde hão-de guardar das vistas dos republicanos, á excepção dos canhões de tiro rapido, que o Manuel Joaquim, de Sarrazolla, gentilmente se promptificou a mettel-os, a todos, no seu enorme armazem de retem, chamando-lhes um figo.

Egualmente nos contou o nosso dedicado correligionario que a furia dos comicos conspirantes da nossa terra tem sido tal que nem os roubacos e pimpões tem escapado á alliciação. De facto, n'esta historica conjunctura, estes typicos habitantes do nosso Vouga escasseiam a tal ponto que o João Baptista, conhecido amphibio da Quinta, andando á sertella uma d'estas noites, surpreheu um comicio d'eiroses na Valla Negra, em que se protestava vehementemente contra o extodo roubaquico-pimponico.

Diziam ellas—as enguias—que, depois de tantos annos de fraterno convívio, fazendo negações ás nassas e botirões do João Baptista, não era decente serem abandonadas pelos seus camaradas de sempre, tanto mais que se elles vão ao engodo das tres pesetas diarias para remediado da vida, tambem ellas, enguias, não sendo ricas, careciam d'essa ajuda para os seus alfinetes. Não obstante, o seu nunca desmentido patriotismo leva-as a não atiraocar a Republica, preferindo conservarem-se vigilantes na Valla Negra, Samouqueira e no Vouga, afim de avisarem o governo da chegada da esquadra murtozeira, constituída por dez mercanteis (cruzadores-rapidos) doze salcois (Dreadnoughts) e oito Caçadeiras (torpedeiros) que, segundo a grotesca paivantada de Cacia, tomará posição no Vouga, entre

a ponte de pãu e a de ferro, por estes dias, para bombardearem o Centro e as residencias dos republicanos historicos da freguezia. O que vale aos nossos pobres correligionarios é ainda a existencia, em Sarrazolla, d'um Manuel Joaquim que, sabendo sobre as suas cabeças, certamente, e com todo o gosto, se promptificará a aparr n'um gesto sublime de sacrificio, e sem perda d'um só, todos os tiros da potentissima esquadra paivantina, cujo almirante, segundo corre, é o bem conhecido Camondo, desmetido e audaz marinheiro das carreiras transatlanticas da Torreira.

Enfim, o caso está sereissimo, e se elle é de molde a dar que pensar aos nossos correligionarios, já outro tanto não acontece com os nossos sanguiscentes adversarios, que esfregam as mãos de contentes. Assim a canastraria do apeadeiro e adjacencias já apregoa aos quatro ventos que d'esta feita é que a bussada cá do burgo apanha uma aquecidela mestra (sic), não se caucando de assestar o lorgnon para a chegada dos comboios ao apeadeiro, na esperança de noticias sobre a invasão de D. Paiva I, que uma vez realicada, terá a acção da esquadra murtozeira. Enfim, o que fôr soará. De entre mortos e feridos alguém ha-de escapar, e então será enjeço de se historiar os acontecimentos com veracidade, impondo-se as responsabilidades a quem de facto as tiver contrahido.

Para finalizar, segundo informações ainda do nosso estimado correligionario, e ceroscentarei que entre os republicanos historicos da freguezia ameaçados de serem imolados á sanha feroz dos paivantes caciaños, contam-se os seguintes:

João Afonso Fernandes, activo e intransigente republicano historico, presidente da Commissão Parochial Republicana de Cacia;

J. J. Nunes da Silva, residente no Pará, velho lutador do ideal republicano em Cacia, no tempo em que a palavra Republica aterrorizava as populações dos campos; seu filho Celso, brioso sargento do bravo regimento de infantaria 24, d'Aveiro; João d'Oliveira Junior, residente em Parahyba, por nos ultimos tempos ter esfregado no Jornal d'Estorreja, com o pseudonymo de 40 da 3ª, o fecho a muito thalassa de Cacia; (estes tres ultimos serão fuzilados provisoriamente em effigie, por estarem ausentes da freguezia) Francisco Mendes, e tantos outros preso tantes correligionarios, a quem muito se deve em materia de propaganda republicana local. Pelo que acima fica dito se infere de que força são os inimigos da Republica na nossa saudosa terra de Cacia. Para extranhar é, pois, a passividade de que os nossos ameaçados correligionarios deo mostras, não intentando defender-se.

Seria triste e deprimente que fôsem derrotados sem luca e que em ao monos lrassem a linda bandeira do nosso Centro de ir parar ás mãos do inimigo. Confo ainda em que tal não succederá, pois que onde está um republicano está sempre um lutador inextinguível.

E até ao proximo paquete.
Ceará, 26 d'agosto de 1911.
Sabia.

P. S.—Quando me predispuha a fechar esta carta, recebi de Portugal, pela telegraphia sem fio, a seguinte marconigramma, que justifica plenamente as minhas considerações finaes:

—Cacia 26, ás 11 e 40, manhã.—Prevenido eventualidade de bloqueio e bombardeamento de Cacia pela esquadra murtozeira do Vouga, uma força de trinta poderosos canhões, sob o commando do almirante Camondo, acaba de tomar posição de combate na foz do rio Novo a esquadra sarrazolleira do almirante Tanella. Vigiem a entrada do rio Velho dois torpedeiros e um submarino coadjuvados pelas patrioticas enguias.

Acaba de ser montado no cabeço de Sarrazolla um posto de telegraphia sem fio, por onde foi expedido este radiogramma:

Tremula óvante, na séde no Centro, a bandeira verde-rubrã da Republica, como que desafiando os traidores á patria.

Acha-se preso a bordo, ás ordens do almirante Tanella, como espiao dos paivantes, o celebre Gonçalinho Fajardo, de pouco limpa memoria.

Iniciou-se já n'esta freguezia o alistamento de voluntarios, para combater os traidores. A' entrada da Valla Negra acaba de ser collocada uma mina submarina para defeza da Samouqueira. Como primeiro artilheiro da esquadra do almirante Tanella está o heroiico Manuel Joaquim, fazenda serviço com uma peça de grande calibre (30 centimetros), que ainda acha pequena para o seu ardor... de combatente. Agora mesmo acabam de ser suspensas as garantias e decretada a lei marcial para toda a freguezia. O encontro das duas esquadras está, pois, imminente. Confiamos na victoria.

(a) Junta de Salvação Publica da freguezia de Cacia.

Como se infere d'este radiogramma, a Republica vai soffrir mais uma terrivel provocação que a batalha naval que se vae travar nas placas aguas do Vouga. No entanto temos fé que a victoria lhe sorrirá e a paivantada apañará mais uma vez uma lieção. E se não, aguardemos os acontecimentos.

Ultima hora

O caminho de ferro de S. Roque

Chega hoje a esta cidade o engenheiro Mario G. de Mello que vem delimitar os terrenos, que marginao o canal de S. Roque, necessarios para a construcção do ramal do caminho de ferro por aquelles sitios cujas obras devem principiar já por todo o mez de outubro caso os seus proprietarios não levantem difficuldades á expropriação dos mesmos.

E' um melhoramento de alta valia, este, a que o sr. dr. Rodrigo Rodrigues dedicou nos ultimos tempos o maximo da sua attenção.

Ainda cavallaria 8

O illustre governador civil do districto recebeu hontem á noite o seguinte telegramma:

Governador civil Aveiro
Pode V. Ex.ª tranquilisar a cidade, garantindo que o regimento de cavallaria n.º 8, fica n'essa cidade. Assim acaba de meser comunicado pelo Ex.º ministro da guerra. Dou esta noticia com muita satisfacção a V. Ex.ª
(a) Ministro do Fomento

O padre Salomão

Chega-nos a noticia de ter sido preso nas proximidades de Vizeu o padre Salomão Pinto Vieira, que por lá andava a aliciar gente para as hostes "paivantes".
Fallaremos no proximo n.º

CORRESPONDENCIAS

Pará, 2

As festas em honra do grande e preclaro dr. Lauro Sodré, que

o povo paraense promoveu á sua chegada, no dia 27 de agosto ultimo, excederam tudo quanto ha de grandioso no genero de recepções.

Na occasião do seu desembarque, que teve logar junto da doca do Ver-o-Pezo era enorme o ajuntamento de povo que se notava e nas ruas, como nas janellas dos predios e nos telhados era tanta a gente que os jornaes calcularam em 50 mil as pessoas que presenciaram a recepção.

O transito dos carros electricos ficou paralisado por algumas horas e o trem que conduzia o illustre paraense era puchado pelo povo, que não se contentou que fossem atrelados animaes.

As ruas por onde passou o cortejo achavam-se embebeiradas a capricho e á noite grande numero de predios illuminaram as suas fachadas, produzindo um bello effeito.

As festas prolongaram-se ainda por algumas noites, não faltando muzicas e fogo em quantidade.

As bandeiras grandes, portuguezas, que tiveram extraordinaria procura, não chegaram para as encomendas.

Tem havido diversas reuniões no Centro Republicano Portuguez, para se assentar na melhor maneira de levar a effeito o programma das festas a realizar em 5 de outubro proximo.

Alguns thalassas portuguezes, aqui residentes estão satisfeitos com o sr. dr. Manuel d'Arriaga na presidencia da Republica e até já sympathisam com a bandeira verde-vermelha, que tantos engulhos lhes dava.

Como os tempos mudam... O Centro Republicano Portuguez está trabalhando na angariação de socios para a Real Sociedade Beneficente Portugueza, pois obtida que seja a maioria de republicanos n'esta agremiação, será convocada uma reunião da assembleia geral para votar a substituição do titulo de real e mudar a bandeira antiga pela de Republica.

Brevemente vai ser enviada ao sr. dr. Manuel d'Arriaga, illustre presidente da Republica Portugueza, uma mensagem de congratulação, que está sendo assignada no nosso consulado, Centro Republicano e diversas casas commerciaes.

O Centro Republicano Portuguez enviou ao illustre paraense, dr. Lauro Sodré, uma bem rigidida mensagem de boas vindas, em pergaminho.

E' no proximo dia 8 do corrente que se realiza a tradiçional festa do Cyrio da Nazareth.

Pinheiro, 18

Passou no domingo ultimo á Ponte da Rata, como estava anunciado, a excursão promovida pela Sociedade Recreativa Artística. Affluiram ao apeadeiro numerosas pessoas com o fim de assistir á passagem dos excursionistas. O comboio, porém, não fez paragem.

Segundo constou vinham surpreendidos pelos bellos panoramas que offerecem as lindas margens do Vouga. Em Agueda fo-

ram alvos d'uma manifestação carinhosa tendo sido, a passagem, no regresso, do apeadeiro d'Eirol, annunciada com uma salva de 21 tiros.

Estão muito adeantados os trabalhos na egreja matriz d'Alquerubim, succedendo o mesmo com a mina para exploração das aguas no nosso logar.

Deu-nos inesperadamente o prazer da sua visita o nosso bom amigo, Antonio Pires Linhares.

No comboio das 4 retirou para a capital. Feliz viagem.

As vindimas estão adeantadas em virtude das chuvas as apressarem, com grande satisfacção dos amigos do Deus Bacho e do copophone!...

Na faina das vindimas, não ha mãos a medir.

ANNUNCIOS

AGUAS DE VIDAGO

Vendem-se no armazem de Reis & Filho, no Largo do Rocio, d'esta cidade.

PREÇOS
Da fonte de Campilho—cada garrafa de 1/4 de litro 70
Por duzia 85
Por caixa de 110 garrafas 60
Cada garrafa de 1 litro 160
Da fonte de Sabroso—cada garrafa de 1/4 de litro 60
Por duzia 55
Por caixa de 110 garrafas 50
Cada garrafa de 8 decilitros 120
Por duzia 110

Estes preços são o custo do liquido
Para revender tem abatimento.

Emprestimos sobre penhores

Casa fundada em 1907

Rua da Revolução e Travessa do Passeio

N'esta acreditada casa, por um juro limitadissimo, empresta-se dinheiro sobre todos os objectos que offereçam garantia como: ouro, prata, brilhantes, roupas, mobilia bicycletas, etc., etc.

Os empréstimos são realisados estando os srs. mutuarios completamente sóos.

Absoluta seriedade e segredo em todas as transacções.

João Mendes da Costa.

NOVO DICCIONARIO PORTUGUEZ-HESPANHOL

Com a exacta pronuncia de todos os vocabulos

Um volume de 1.150 paginas em bom papel, a capa illustrada com bustos de Camões e de Cervantes e de respectivas bandeiras portugueza e hespanhola.

Vende-se na papelaria Assis & Maia, 239, rua da Prata, 241.

Envia-se pelo correio, acrescendendo o porte de 50 réis.

Requisições de mais de 10 exemplares devem ser dirigidas a Duarte Coelho, rua Aurea, 271.

Fazem-se os abatimentos seguintes: De 10 a 25 exemplares, 5 %; De 25 a 50, 10 %; De 50 a 100, 15 %; De mais de 100 exemplares, 20 %.

LIVRARIA UNIVERSAL

DE

João Vieira da Cunha

Rua Direita—(Em frente á Rua de Jesus)

Completo sortimento de livros em todos os generos:

Litteratura, Theatro, Historia, Viagens, Sciencias, Legislação, Ensino, etc., etc.

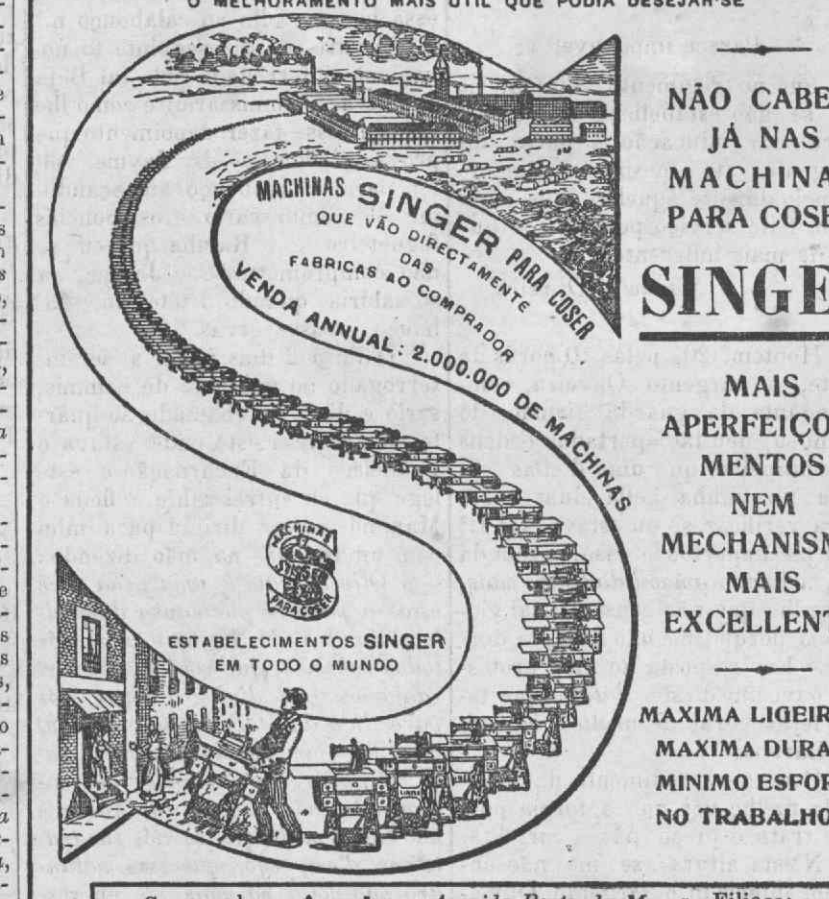
Todas as novidades litterarias e scientificas.

Assignatura para todas as revistas nacionaes e estrangeiras.

Papelaria e artigos de escriptorio

Execução rapida de todas as encomendas.

NOVA ESTANTE DE PEDAL COM FRICÇÕES DE ESPERAS D'AO O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE



NÃO CABEM JÁ NAS MACHINAS PARA COSER SINGER

MAIS APERFEIÇAMENTOS NEM MECHANISMO MAIS EXCELLENTE

MAXIMA LIGEREZA. MAXIMA DURACÃO. MINIMO ESPORÇO NO TRABALHO.

Succursal em Aveiro—Avenida Bento de Moura—Filias: em Ilhavo, Praça da Republica.—Em Ovar, R. Elias Garcia, 4 e 5

LIVRARIA UNIVERSAL DE João Vieira da Cunha Rua Direita—(Em frente á Rua de Jesus)

Completo sortimento de livros em todos os generos: Litteratura, Theatro, Historia, Viagens, Sciencias, Legislação, Ensino, etc., etc.

Todas as novidades litterarias e scientificas. Assignatura para todas as revistas nacionaes e estrangeiras.

Papelaria e artigos de escriptorio Execução rapida de todas as encomendas.

Padaria Macedo

AVEIRO PRAÇA DO COMMERCIO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade bem como artigos de mercearia que vende por preços excessivamente baratos.

Entre as differentes qualidades de pão que fabrica conta-se o pão hespanhol, doce, bijou, abiscoitado e para diabeticos.

Completo sortido de bolacha nacional. CAFÉ, especialidade da casa.